

mêtricamente indicado por êle próprio como o mais conveniente à sua esfera de ação, mas possuindo condições climáticas desfavoráveis à sua idade e saúde, ante a altitude de mil metros, fator que mais tarde demonstrou a sua inconveniência por haver concorrido consideravelmente para que viesse se agravar o seu estado de saúde, causando assim à morte a tão esplêndido lutador.

O Coronel SOUSA BRASIL serviu durante mais de quarenta anos ao Exército tendo em sua fé de ofício os mais honrosos elogios por notáveis serviços prestados. Dentre os seus trabalhos de natureza técnica, sem contar com os relatórios que apresentou, destacam-se os seguintes: *Brasil-Colômbia — Limites "Caucy"* separata do relatório apresentado ao Ministério das Relações Exteriores. *Aspectos da Região Amazônica, Incolas Selvícolas e Abastecimento de Água aos Quartéis de Campo Grande. Ligeira Notícia sobre a Vila de Campo Grande* e duas outras contribuições, sobre *Teoria e prática de Astronomia*, contando-se ainda, entre os trabalhos de sua lavra, um sobre a determinação da hora e do azimute. Como paranaense e amigo de sua terra

natal, quando na Amazônia, remeteu grande quantidade de artefatos e materiais indígenas para o museu de Curitiba, não esquecendo nunca a terra que lhe serviu de berço. O Coronel TEMÍSROCLES possuía, tanto no meio militar como no civil, um grande círculo de relações.

A enfermidade que vitimou tão preciosa vida foi adquirida em 1931, na embocadura do rio Iauaretê, quando o Cel. SOUSA BRASIL ali estava realizando serviços técnicos.

Era o saudável geógrafo comendador da Ordem de Boyacá, da República da Colômbia e possuía, entre outras condecorações, a medalha de ouro de bons serviços prestados ao Exército e a medalha de prata comemorativa do cinquentenário da República.

Pertencia a várias instituições científicas e culturais do país, tendo em Setembro de 1940 comparecido ao IX Congresso Brasileiro de Geografia, sendo designado para relator dos trabalhos de geografia física, no qual teve oportunidade de lavar eruditos pareceres que constituíram outras tantas contribuições à geografia.

FRANZ BOAS

No mês de Dezembro de 1942, telegramas procedentes de Nova Iorque, divulgados na imprensa brasileira, informaram haver falecido naquela cidade, o notável etnólogo judeu-alemão FRANZ BOAS, professor da Columbia University; a notícia do falecimento do eminente cientista foi acolhida com intenso pesar nos centros culturais de todo o mundo.

Havendo nascido em Minden (Vestifália), Alemanha, a 8 de Julho de 1858, BOAS, depois dos estudos iniciais em sua terra natal, transferiu-se, inicialmente, para a cidade de Heidelberg passando-se sucessivamente para Bonn e Kiel, centros universitários onde aprimorou a sua já fulgurante cultura.

Em 1884 o seu nome já aparecia em Berlim cercado de admiração pela sua cultura, ocupando naquele ano o cargo de assistente do Museu de Etnologia daquela cidade, demorando-se no exercício de tais funções até o ano de 1886, sendo em seguida, mercê da sua grande capacidade científica e da vastidão do seu saber, nomeado professor de geografia da Universidade de Berlim.

Espírito curioso, querendo tudo investigar de perto, para assim melhor afirmar em benefício da ciência que

teve nele um dos maiores cultores nos últimos tempos, passou-se o renomado cientista em 1888, para os Estados Unidos da América do Norte, onde se radicou. A comêço, FRANZ BOAS exerceu a docência de antropologia da Clark University e depois, entre 1899 a 1936, a cátedra de antropologia e etnologia na Columbia University.

Em 1910 empreendeu uma viagem ao México, demorando-se ali alguns anos, onde deu uma série de conferências na Universidade local, ocupando ainda entre 1911 e 1912 a diretoria da Escola Internacional de Arqueologia. O notável investigador dos agrupamentos humanos, notadamente dos selvagens da América do Norte, é autor da valiosa contribuição editada em 1911, *The Mind of Primitive Man*. Neste livro, BOAS, ao ensejo de estudar os preconceitos de raça e a influência do meio e da hereditariedade sobre os tipos humanos, informa um dos seus biógrafos, Sr. CARLOS A. ECHANOVE TRUJILLO¹ — concluiu, referindo-se aos "rasgos mentais" do primitivo e do civilizado: "Não é impossível que o grau de desenvolvimento

¹ ECHANOVE TRUJILLO — Dicionário de Sociologia in "Universidad de La Habana — 1942 — pg. 157.

dessas funções possa diferir um tanto entre os distintos grupos humanos; mas não creio que possamos, todavia, formular uma justa avaliação dos poderes mentais hereditários das diferentes raças." Uma comparação de suas línguas, costumes e atividades sugere que suas faculdades podem achar-se desigualmente desenvolvidas; porém, *tais diferenças não bastam a permitirmos assinalar níveis inferiores a certos povos com relação a outros*. As conclusões a que essas considerações nos permitem chegar são, pois, em seu conjunto, *negativas*. Não nos inclinamos a considerar a organização das diferentes raças humanas como diferindo em pontos fundamentais.

Em consequência, e embora a distribuição das faculdades entre as diversas raças esteja longe de nos ser conhecida, podemos, ao menos, dizer que o nível intelectual médio da raça branca compreende maior proporção de indivíduos do que a dos de igual grau entre as demais raças; mas embora seja possível que algumas dessas não possam produzir uma proporção de homens eminentes tão grande como a nossa, não há razão para supor que elas sejam incapazes de alcançar o nível de civilização representado pela massa do nosso próprio povo."

FRANZ BOAS escreveu também outras obras igualmente magníficas e fundamentais, indispensáveis aos estudos das especializações que tinham nele um cultor de estirpe e de erudição. Entre as suas obras, destacam-se as seguintes: *Kultur und rasse* (1913); *Primitive art* (1927) e *Materials for the Study of heredity in man* (1927).

Além dos excelentes livros que escreveu, das brilhantes conferências que realizou e das eruditas aulas ministradas nas Universidades e em outros centros de cultura, BOAS deixou trabalhos de mérito em revistas especializadas da América e da Europa, principalmente no *Journal of American Folklore* e nas

publicações seriadas da Columbia University e da American Ethnology Society.

Considerado, senão o fundador, mas, o maior cultor da moderna antropologia na América, a maioria dos modernos estudiosos da matéria foram seus alunos, salientando-se entre estes, o sociólogo brasileiro GILBERTO FREIRE.

Pondo seus conhecimentos científicos a serviço da humanidade, destruindo os tabús e mitos raciais do nazismo, o seu nome foi, para a sua maior glória, colocado no *index* pelos aventureiros do hitlerismo pois, havendo sido em 1932 distinguido com o doutorado honorário pela Universidade de Kiel, no ano seguinte os seus livros eram queimados aos gritos de *Heil Hitler!* porque as suas teorias científicas não combinavam com as de ROSEMBERG, o criador do arianismo. Denunciou o mito germânico da superioridade dos arianos como um embuste e um charlatanismo, e procurava que essa verdade fôsse divulgada pelo universo todo. Achava que se devia combater a propaganda com a propaganda; o embuste, com a divulgação da verdade; e o charlatanismo, com o valor da ciência. Em 1936, o professor FRANZ BOAS retirava-se da Universidade de Columbia e trabalhou até os últimos instantes da sua existência numa gramática da língua dos índios norte-americanos *kwakiutl*. Era doutor honorário das Universidades de Oxford (Inglaterra), Kiel (Alemanha), Graz (Áustria), e de muitas outras, e sócio correspondente de uma infinidade de academias científicas. Em 1936, recebeu a nomeação de presidente da Sociedade Americana para o Progresso das Ciências, cujo número de membros limita-se a 300. Depois de rebentada a guerra, em 1939, o professor Boas tornou-se membro ativo do Comité Americano da Democracia e Liberdade Intelectual.

* * *

Estes os principais traços da vida e da obra do grande sábio que o mundo acaba de perder.